

Uma proposta transitória para a comunicação

GERALDO CARLOS DO NASCIMENTO

Un camino indisciplinario hacia la comunicación: medios masivos y semiótica de Fernando Andacht. Bogotá: CEJA, 2001. 289 p.

Resumo A Cátedra Unesco de Comunicación Social de la Pontificia Universidad Javeriana de Colombia eleger, em 2000, a Semiótica como tema de suas atividades, e convidou Fernando Andacht para participar de pesquisas junto a alunos da pós-graduação. O trabalho do catedrático uruguaio foi além do estritamente previsto e resultou na publicação, pelo Centro Editorial Javeriano/CEJA, deste instigante livro no qual se reúnem dez ensaios que envolvem Semiótica, Literatura e Comunicação de Massa.

Palavras-chave semiótica, literatura, comunicação de massa.

Abstract: The Cátedra Unesco de Comunicación Social de la Pontificia Universidad Javeriana de Colombia elected Semiotics as the main theme for its activities during the year of 2000, and invited Fernando Andacht to participate in researches developed by post-graduate students. The professor's work resulted in this interesting book, published by Centro Editorial Javeriano/CEJA, which contains ten essays about Semiotics, Literature and Mass Media.

Key words semiotics, literature, mass media

Numa situação de crise, como a atual, em que no horizonte científico já se perdeu a confiança em matrizes que se colocam como capazes de oferecer modelos conceituais monolíticos para determinar a natureza do conhecimento, da verdade e do significado dos signos do mundo, Fernando Andacht propõe, com a reunião dos dez ensaios deste livro, um olhar "indisciplinário" para pensar a comunicação, adotando provisoriamente, como faz questão de ressaltar, balizas teóricas de modo ousado, original e, certamente, pouco ortodoxo, como a reunião da semiótica de Peirce com a literatura de Borges, além da convocação, para corroborar suas idéias, questioná-las ou discuti-las, de vários outros pensadores relevantes, entre os quais Oscar Wilde, Freud/Lacan, e teóricos da comunicação, como Bateson, Eco, Adorno.

Sua ampla e multifacetada investigação, cujo *corpus* compreende as mídias – rádio, televisão, cinema –, seus diferentes formatos, e suas estruturas operacionais e ideológicas, apresenta-se sempre enriquecida por profícuas incursões pela literatura de Oscar Wilde e, mais acentuadamente, de Borges. Andacht mantém ainda, na maioria dos ensaios reunidos nesse livro, um diálogo crítico, que se expressa explícita ou implicitamente, com o que se pode considerar mazelas da realidade sócio-político-cultural do Uruguai contemporâneo, país em que vigora, como bem mostra o autor, a hegemonia *mesocrática*, noção de Real de Azúa, usada para designar o mito da mediania que rege as relações sociais naquele país, outrora considerado uma paradisíaca Suíça latino-americana. Tal ideologia, predominante na chamada classe média, mas que vai muito além de limites de ordem estritamente econômica, como não poderia deixar de acontecer em tal quadro, evidencia-se marcadamente em manifestações midiáticas relevantes, como as escolhidas para a análise pelo autor.

A noção de indisciplinário, termo inspirado nos conceitos da física quântica postos em circulação por Floyd Merrell (indecibilidade, indeterminação, incompletude) situa a distância que o autor quer manter do inter- e do trans- disciplinário e motiva suas reservas e cuidados no trato com os referenciais adotados ao mesmo tempo que explicita, por um outro viés, sua postura marcadamente anti-positivista – tendência que, segundo Andacht, continua a contrapor, contando com o resistente aparato de suas últimas ataduras, um sujeito onipotente, os meios, no caso, a um objeto, ou seja, uma massa indiferenciada e passiva de receptores.

No que diz respeito à semiótica peirceana, referencial privilegiado em suas pesquisas, Andacht esclarece: "(...) só me instalo em seu pensamento como em um lugar de observação móvel, a partir do qual [possa] contemplar as possibilidades de diversos enfoques: trata-se de uma situação pragmática e transitória." Mas a

dívida em relação ao semioticista em nenhuma hipótese é escamoteada: "*Minha opção por este pensador (...) obedece não só à riqueza e ao poder explicativo de sua teoria, mas também ao caráter indisciplinário desta.*" Andacht atribui à semiótica peirceana as virtudes de um instrumento de particular idoneidade para analisar o heterogêneo fenômeno dos meios de comunicação de massa atuais, e exalta a iniciativa, considerada audaz, de o semioticista ter reunido, sob o rótulo de ciências normativas, a estética, a ética e a lógica.

Sua questão, digamos, mais imediata – daí a necessidade mais premente de buscar apoio em Peirce – é discutir o papel que deve desempenhar a comunicação nos meios massivos. Sua preocupação maior é a de como evitar a moralização, do tipo prescritivo e arbitrário (dever ser), nas pesquisas de comunicação, sem perder de vista a importância central que o tema em pauta representa para a formação de indivíduos em sociedades periféricas, como as da América Latina, "*principalmente quando cabem poucas dúvidas sobre o poder que possuem os meios para configurar padrões de pensamento, ação e modos de vida em geral e se sabe tão pouco sobre as atitudes concretas de quem recebe o impacto mediático dos meios cotidianamente.*"

Com essa configuração panorâmica em vista, o autor procurará nortear-se pela distinção peirceana entre moral e ética. O semioticista norte-americano, por exemplo, sustenta que para o desenvolvimento da argumentação sistemática é imprescindível a fluidez metodológica e, como a moralidade é um agente endurecedor, propõe abandonar a tessitura moralizante em favor de uma ética, que caracteriza como inseparável de toda investigação sobre o sentido, seja em lógica normativa ou lógica aplicada, esta lógica pragmática utilizada no dia-a-dia, a qual Peirce chama, reconvocando sua denominação medieval, *logica utens*. As diferenças entre raciocínio cotidiano e científico não impedem que Peirce reconheça que todo pensar é feito a partir de signos, inferências, conjecturas. Não por acaso escreveu um texto, hoje clássico, denominado *Como clarificar nossas idéias*.

Ou seja, para Andacht, a semiótica ou lógica dos signos possui elementos aptos para repensar aspectos muito diversos da teoria do conhecimento e para as reflexões – consideradas imprescindíveis – sobre o lugar da reflexão acadêmica no que diz respeito ao que o Autor designa como "meios massivos".

E seria mesmo a partir da estrutura hierárquica peirceana, segundo a qual a ética subordina-se à estética, e a lógica, por sua vez, depende da ética, que a estética é colocada por Peirce como uma espécie de propedêutica indispensável para a lógica, que Andacht encontra justificativa teórica ou, se se quiser, um exemplo metodológico, para convocar, num dos mais brilhantes ensaios do livro, um artista-pensador,

como Borges, para compor um referencial complementar de suas investigações, e traz à luz instigantes homologias, surpreendentes interfaces, entre esses "pensadores" cujo encontro emblemático ocorreria por meio do vínculo que ambos mantêm, cada qual por vias de seu próprio caminho, com a noção grega de *kalós*.

No Capítulo V deste livro, denominado *Las muy próximas reflexiones de J. L. Borges y C. S. Peirce sobre los sistemas de signos: una amplia y magnífica trama/web*, o autor desvenda sua teia. Não só quer apresentar as afinidades dos autores que teriam desenvolvido ao longo de suas vidas, durante cerca de meio século, projetos muito semelhantes, como pretende "*conduzir os leitores através das obras de Borges e Peirce como se fossem uma só*." É que para Andacht, a vasta arquitetura teórica construída pelo lógico-matemático norte-americano para explicar a criação e a mudança de sentido em escala humana e cósmica pode ser contemplada da perspectiva dos ensaios, poemas e relatos breves compostos pelo literato argentino.

A contraprova disso estaria no exame de conceitos desenvolvidos por Peirce, como os de *sinequismo*, *causa final*, *semiose* – em virtude da qual os signos crescem e se tornam mais complexos – e que estariam muito próximos de tropos, figuras, imagens e argumentos associados à produção borgeana. Em um de seus ensaios, no qual discorre sobre os sistemas sígnicos, e que é considerado por Andacht como o mais significativo sob este ponto de vista, Borges não apenas desenvolve o conceito, mas denomina o trabalho como *A Trama* – para Andacht este termo, que ele identifica com *web*, diz respeito ao processo de semiose evolutiva.

Embora adotando recursos diferenciados – Peirce trabalha com princípios advindos da matemática e da lógica, enquanto Borges explora com rigor a faculdade imaginativa – ambos estão à procura de um método de pensar e de escrever que não "obstaculize o caminho do descobrimento". Andacht usa a imagem, sempre a se reconfigurar, do "caleidoscópico" para nomear este método de busca daquela qualidade única que é, em sua imediata presença, *kalós*.

Como não metafísicos, são nos fenômenos, dentre os mais corriqueiros, que tanto Borges quanto Peirce irão se concentrar. E nesse ponto é inevitável, para explicar Borges, a convocação de Freud, que laborou com a noção de *unheimlich* – o estranho – surpreendendo-a justamente naquilo que há de mais familiar. A reflexão que Borges faz sobre o assunto manifesta-se no final de sua *História da Eternidade* onde se encontra esse elemento estranho como aquilo que nos dá a qualidade suprema, o *kalós* da existência, na linguagem de Peirce, um componente absoluto da realidade. Parece não ficar difícil, então, para Andacht, ao chegar neste ponto, aproximar o estranho borgeano do *kalós* de Peirce. Ambos funcionam

como uma espécie de emergência do extraordinário e mesmo do trágico em meio à banalidade; nada há aí, pelo menos não mais, de secreto, de escondido, como – para lembrar um exemplo já célebre – uma simples carta deixada displicentemente sobre a mesa.

As situações tratadas e analisadas nos diversos ensaios do livro de Andacht, independentemente da mídia ou formato em que inicialmente foram divulgadas (rádio, TV, cinema, música popular, obras literárias) ou da relevância sócio, cultural, política ou econômica que se possa atribuir aos seus temas, contêm variações, repetições, cruzamentos e efeitos de sentido como os provocados por uma trama que se arma a partir da semiótica peirceana e da poética de Borges, como se Andacht incorporasse no seu modo de exposição nestes ensaios os preceitos para os quais pretende chamar a atenção. Isso talvez possa explicar a insistente recorrência do Autor, que quer apresentar "o deslocamento interminável da semiose como uma agitada *road movie*", às metáforas. Sem perder com isso, evidentemente, a noção de que cada um desses meios massivos convocados gera significados e maneiras concretas e específicas de apreender o real, que embora seja inacessível como puro fato bruto, se converte, por vias da representação, em realidade; ou seja: algo para alguém.

De resto, uma rede que não cessa de crescer, como acontece na *trama* borgeana ou nas relações sugeridas pelo sinequismo de Peirce, já não pertence, neste início do terceiro milênio, mais ao estrito universo do maravilhoso ou da mera dimensão lógica do possível, como algum desavisado ainda pudesse imaginar; encontra-se na factividade do dia-a-dia, não obstante todo processo virtual aí implicado. Andacht explicita tal vinculação, no final do referido Capítulo V, quando joga com a sigla *www* ("*Hacia la trama de alcance asombroso o Wondrous Wide Web: visión nocturna de um Congreso/Universo agapástico e viajero*"). Esta alusão, trabalhada no transcorrer discursivo do referido tópico, mostra bem como a concepção de que partilham Borges e Peirce é, por assim dizer, e o Autor o diz claramente, mais do que uma simples antecipação da "rede das redes", também conhecida como Internet.

Como navegar com alguma segurança por uma rede movediça e infinita? O recado de Fernando Andacht – pelo menos o que mais me toca – embasado na semiótica de Peirce e na poética de Borges, que levam ao domínio explícito da estética e, com ela, introduzem o inusual no "banquete das ciências sociais contemporâneas", é de que, considerando ainda que não há mais pontos fixos, apenas intersecções de signos provisórios, mutantes, é preciso ser um "piloto de signos" e aprender a interpretar; ou seja, construir novos signos. Afinal, "o essencial é a

potencialidade de todo signo para ser interpretado por outro signo, que revela seu significado”.

GERALDO CARLOS DO NASCIMENTO é doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Atua como pesquisador, professor, orientador e coordenador de linha de pesquisa no Programa de Mestrado em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná/UTP. geraldo.carlos@uol.com.br geraldo.nascimento1@utp.br

*Resenha agendada em junho de 2002
e aprovada em julho de 2003*